

RESENHAS

MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. 196 p.

Resenhado por Leonor dos Santos¹

Num momento em que a divulgação de pesquisas científicas na área de Letras nem sempre acompanha a rapidez com que elas se desenvolvem no meio acadêmico, chama a atenção o fato de o livro *Hipertexto e gêneros digitais* conseguir abordar um tema tão recente e atual, que vem preocupando alguns lingüistas: os estudos sobre os chamados gêneros digitais. Termos como e-mail, blog, chat e link, por exemplo, têm se tornado comuns atualmente, ao mesmo tempo em que se discute, no âmbito público e privado, a democratização do acesso à informática. Entretanto, pouca atenção vinha sendo dada ao material textual produzido nos contatos via computador.

Já há algum tempo, trabalhos esparsos, publicados em revistas especializadas, vinham analisando alguns desses textos, mas, pela primeira vez, apresentam-se pesquisas sobre o tema em um só livro. Os nove artigos são de autoria de mestres e doutores em Lingüística, das regiões sudeste e nordeste, de linhas teóricas nem sempre convergentes, mas com abordagens e pontos de vista que apontam para a pluralidade de análise dos gêneros digitais, o que já vale a leitura. Destaque-se, aliás, a qualidade da editoração do livro e a ampla bibliografia, que instiga a busca por mais pesquisas sobre o tema, seguida de um índice remissivo que auxilia a leitura.

A primeira questão abordada no livro, organizado pelos professores Luiz Antonio Marcuschi e Antônio Carlos Xavier, refere-se ao *status* textual do material produzido por toda essa tecnologia digital com a qual temos contato. Misto de oralidade e escrita, materializados em textos produzidos para interlocução em tempo real, mas com contato mediado pelo computador e respostas nem sempre imediatas, os gêneros digitais destacam-se pela pluralidade de usos e pelo ainda desconhecimento das estruturas subjacentes à construção textual. Essas

¹ Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutora em Lingüística. E-mail: <leonorwerneck@yahoo.com.br>.

peculiaridades caracterizam, por exemplo, os e-mails, chats e blogs – primeiros textos analisados no livro.

Os chamados gêneros textuais emergentes, na introdução de Marcuschi, apontam para aspectos relativos às especificidades da linguagem e da natureza enunciativa, uma vez que o “discurso eletrônico” se organiza pela divulgação de informações em redes virtuais que agregam usuários em comunidades, compartilhando códigos e posturas semelhantes. O autor destaca seis ambientes virtuais – WEB, e-mail, foros de discussão assíncronos, chat síncrono, MUD e ambientes de áudio e vídeo (videoconferências) – a partir dos quais procura designar alguns gêneros mais conhecidos (como e-mail, weblog, lista de discussão, chat agendado etc.). O artigo é minucioso nos exemplos, nos comentários sobre a relação interativa proporcionada pelos gêneros digitais e na comparação com gêneros já existentes.

Após essa detalhada introdução, em que o leitor é (re)apresentado ao material textual abordado no livro, alguns capítulos selecionam um gênero digital para se aprofundarem na análise. No segundo capítulo, por exemplo, começa-se com um histórico sobre a transmissão de mensagens em geral e passa-se para o histórico do e-mail. Traça-se um perfil desse gênero digital e chega-se a listas de “netiquetas” (normas de etiqueta da net) para ilustrar como a aparente simplicidade e espontaneidade dos e-mails esconde uma organização textual e lingüística: não escrever toda a mensagem em caixa alta; ser claro, breve e objetivo; apagar as linhas da mensagem recebida ao responder um e-mail; etc.

No caso do chat, analisado no terceiro capítulo, destaca-se sua relação hipertextual e os recursos visuais e sonoros utilizados com frequência, mostrando como a interação ocorre de forma mais complexa. Também no capítulo seguinte, que trata dos blogs, a ênfase é no caráter interacional, (:) entretanto a abordagem enfatiza a constituição do sujeito por meio dessa espécie de relato diário (ou quase) para um Outro.

Ainda merece destaque a ilusão de democratização de informações proporcionada pelo acesso à WEB, questionada nos quatro últimos capítulos. Um dos argumentos apresentados nessa discussão refere-se à necessidade de inserção do usuário na rede do discurso e no domínio de estratégias de leitura e especificidades de linguagem típicos da rede – tópicos analisados em outros capítulos – que dificultam, e por vezes impedem, a compreensão dos hipertextos.

Com relação a aspectos lingüísticos, comentam-se os neologismos e a banalização da linguagem nos textos digitais. A preocupação com o “bloguês”, que ultimamente tomou conta de discussões na mídia e nas salas de aula, ilustra a necessidade de refletir sobre esse assunto. Entretanto, o artigo que trata desse tema

restringe-se ao conhecimento e divulgação de termos pela internet e aborda, já antecipando o que será discutido nos capítulos seguintes, o papel do hiperleitor na construção e sentidos em suas buscas na rede.

A leitura dos gêneros digitais, especificamente quando se trata de links, é um dos aspectos enfocados em vários capítulos deste livro – especificamente no último – que mais chama a atenção. O conceito de hipertexto, desvinculado da WEB, mas representando as diversas (inter)relações feitas pelo leitor, já havia sido abordado por outros autores, como Koch, que alerta que “todo texto é um hipertexto” (KOCH, 2002, p. 61). Porém, se é verdade que qualquer processo de leitura representa um constante ir e vir em busca de informações outras, presentes ou não no texto, para que o leitor – verdadeiro agente da construção de sentidos – efetue a interação, é fato que essa relação hipertextual materializa-se na internet.

Os gêneros digitais – e a exemplificação com os links ilustra isso – caracterizam-se exatamente pela relação entre informações e usuários. Uma simples busca na rede pode levar o internauta a caminhos jamais imaginados, se o clicar do mouse em links o conduzir a sites que sequer tenham relação com sua intenção inicial. Além disso, a própria seleção “self-service” nos links, como diz Xavier, já configura um processo de leitura único.

Xavier também destaca a emancipação do leitor, devido à sua liberdade de traçar caminhos não necessariamente iguais aos pretendidos pelo autor. Percebe-se na rede que o hiperleitor detém em suas mãos a escolha das relações que fará. Essa liberdade, porém, tem um preço, pois acaba desconstruindo a figura do autor e a importância do direito autoral. E o leitor pode perder-se, nesse emaranhado de informações, se não souber escolher as suas estratégias de leitura.

Observa-se, portanto, no decorrer de todo o livro, que o fenômeno dos gêneros textuais digitais chama a atenção para a necessidade de relativizar o conceito de leitura, texto, leitor e autor. Afinal, se é ponto pacífico que o leitor é sempre co-autor do texto, nos gêneros digitais essa afirmação toma outra dimensão. E se de fato a leitura é uma eterna busca pelo que está e não está dito, no hipertexto essa procura é quase infinita.

REFERÊNCIA

KOCH, Ingedore G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

Recebido em 20/07/05. Aprovado em 28/08/05.
